

**Projeto: Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória**

**Instituição responsável: Nota Musical Comunicação**

**[www.quilombosdojequitinhonha.com.br](http://www.quilombosdojequitinhonha.com.br)**

**Entrevistado: Alessandro Borges Araújo**

**Comunidade Brejo, município de Berilo, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais**

**Abril e outubro, 2014**

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte, conforme segue, e que não seja para venda ou qualquer fim comercial:

FOGAÇA, Sérgio; SYDOW, Evanize. “Uma pessoa sem história não é ninguém” – Entrevista de Alessandro Borges Araújo. *Quilombos do Vale do Jequitinhonha: Música e Memória*. São Paulo, Nota Musical Comunicação, 2017

*“Uma pessoa sem história não é ninguém”*

Com essa ideia na cabeça e muita força de vontade nas mãos, Alessandro Borges Araújo, de 27 anos, agente cultural da cidade de Berilo e presidente da Coquivale, Comissão das Comunidades Quilombolas do Médio Jequitinhonha, se empenha na preservação e manutenção da cultura local como um guerreiro contemporâneo. Diretamente envolvido com todas as manifestações culturais, sociais e políticas do município, atua diretamente em pelo menos dois dos principais ícones da cidade, o Casarão Domingos de Abreu Vieira e a Igreja Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade.

O Casarão, que foi palco de reuniões dos chamados “inconfidentes”, com a presença do próprio Tiradentes, é hoje importante núcleo para valorização da cultura quilombola da região. Tombado pelo IEPHA (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), em 2010 recebeu uma importante reforma em sua estrutura, embora seu funcionamento dependa da boa vontade de políticas locais. Entre outras manifestações, abriga ali a sede do congado local e da Folia de Reis, mas suas funções poderiam ir bem além. “Acredito que o Casarão poderia se tornar um centro de ofícios para jovens e crianças. Tem tanto artesão morrendo e levando para túmulo tudo que sabe, como artesanato com barro, cerâmica, madeira e couro”, lamenta o jovem quilombola.

Já a igreja de Nossa Senhora da Conceição agoniza a olhos vistos, mesmo tendo sido tombada pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1974. Considerada uma das construções mais antigas de todo o Vale do Jequitinhonha, foi construída em 1729. Nem toda essa imponência histórica tem garantido sua mínima manutenção, e tanto sua estrutura como seu acervo se deterioram sem dó nem piedade. “Para mim, essa igreja aqui conta a história do município, imagina só quanta coisa já se passaram debaixo dela?”, indaga.

*Por favor, conta para gente um pouquinho da história desse Casarão, a história do Domingos Vieira.*

Aqui, o IEPHA deduziu que é da segunda metade do século XVIII, porque não tem documentação certa que fale da construção. Mas o que a gente sabe é que pertenceu a Domingos de Abreu Vieira, que fez parte do grupo dos inconfidentes e da conjuração mineira. O Domingos de Abreu Vieira era compadre do Tiradentes, por ter batizado a filha dele. Ele vivia em Minas Novas, era contratador do dízimo.

Quando ele fez o pedido para ser o capitão da cavalaria do Água Suja (nome antigo do município), então teve que se mudar para cá, onde viveu durante 15 anos. A gente acredita que quando ele chegou aqui o sobrado até já existia. Porque ele não viria para cá para viver 15 anos e construir um sobrado dessa dimensão. E por isso a gente acredita que o sobrado já existia. Também parece que havia pertencido à família do padre Rolin, de Diamantina, que também era um dos inconfidentes da época.

*O Tiradentes frequentava aqui?*

Tem um documento chamado *Alto da Devassa*<sup>1</sup> que afirma que este sobrado serviu de cenário para reuniões dos inconfidentes. Eles faziam muitas reuniões, de certo para planejar contra a Coroa, e provavelmente tenha servido, sim, de cenário para as reuniões. O pessoal acredita - e isso é uma coisa que passou de boca em boca - que, por volta de 1768 ou 1769, Tiradentes, além de todos os inconfidentes, se hospedaram aqui e em Minas Novas. Lembrando que o Domingos de Abreu Vieira tem dois sobrados: esse sobrado aqui em Berilo e tem mais um em Minas Novas, que fica lá do lado do sobradão.

*E com relação à conservação aqui do Casarão? A gente acabou de ver uma igreja (Igreja Nossa Senhora da Conceição, de 1729) que está bem deteriorada, e o Casarão a gente percebe que está bem conservado. Gostaria que contasse um pouco sobre o uso que esta comunidade faz do Casarão, como vocês preservam. Como ele é mantido? Afinal, você é a única pessoa aqui que toma as iniciativas para isso, certo?*

É. O sobrado, diferente da Igreja Matriz, ele é tombado por outro instituto, que é também de patrimônio, mas é estadual, que é o IEPHA, Instituto Estadual do

---

<sup>1</sup> Juridicamente, a devassa é uma investigação que apura um crime. Uma pesquisa de provas, observação, certidões e inquirição de testemunhas para averiguação e um ato criminoso. No Brasil, durante a Inconfidência Mineira, os autos de devassa, ou autos de processo judicial, foram movidos pela coroa portuguesa contra Tiradentes e os demais inconfidentes para apuração do crime de traição. Fontes: <https://www.significados.com.br/devassa/> e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Auto\\_de\\_devassa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Auto_de_devassa)

Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais. O IEPHA já tem uma atenção especial com os bens que eles tombam. Esse sobrado já estava bastante danificado e, em 2010, eles fizeram uma reforma, um restauro bastante importante; tiraram os forros para serem restaurados também.

Agora, a manutenção do sobrado é que é meio difícil. Porque eles fazem o restauro, mas a manutenção e a mobilização, no entendimento deles, é o município que tem de fazer. Afinal, não tem porque restaurar uma construção dessa para não ter nenhum movimento cultural. E por isso eu assumi praticamente o posto de mobilizador cultural aqui, mas voluntário. Aqui eu sou pago só para fazer a limpeza, só para fazer a faxina. Fazer as reuniões, abrir para a comunidade, receber visitantes, para isso eu não sou pago e faço esse trabalho como voluntário. Fazer uma exposição, ir atrás de outros voluntários para poder dar aula de música, dar aula de artesanato, fazer oficinas, tudo a gente que faz, mas de maneira voluntária.

*As comunidades quilombolas daqui se apropriam deste espaço de alguma maneira?*

Através das manifestações culturais, sim. Porque, de certa forma, aqui já é a sede do congado dos quilombolas, do batuque dos quilombolas e da Folia de Reis<sup>2</sup>, que é da comunidade quilombola do Morro do Boteco. Aqui é a sede, por mais que pertença às comunidades de lá. Eu acho assim: é das comunidades quilombolas, mas a maior dificuldade está em a cidade aceitar esses quilombolas.

A gente traz para a cidade, até porque é na cidade que o pessoal mais vem. Passa um turista aqui ele não vai na comunidade quilombola, mas eles vêm aqui, por exemplo, a uma visita no sobrado. E aqui ele vai passar a conhecer um pouco das culturas das comunidades quilombolas. Isso foi uma ideia que a gente teve, não sei se foi certo ou errado, mas aqui se tornou a sede das manifestações culturais que pertencem às comunidades quilombolas, de algumas delas.

---

<sup>2</sup> A Folia de Reis, também conhecida como Reisado, é uma festa popular brasileira de caráter religioso e folclórico. A porta de entrada foi o nordeste brasileiro, porém em nosso país a tradição ganhou traços culturais particulares incorporando aspectos de cada cultura local. Um destes exemplos está presente na música, com a presença das batidas típicas dos tambores africanos. Ela é realizada entre o período do Natal até o Dia de Reis, em 6 de janeiro. Fonte: Sua Pesquisa.com. Disponível em: [http://www.suapesquisa.com/musicacultura/folia\\_reis.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/folia_reis.htm)

*Você entende que o casarão tem vocação para receber que tipo de manifestação, de festa ou de acontecimentos?*

Eu acho que o sobrado poderia se tornar um centro, não vou chamar de resgate cultural, não, mas podia se tornar um centro de ofício. Porque tem tanta coisa se perdendo, né? Mas podia se tornar um centro de ofícios, onde se realizariam oficinas para jovens e crianças. São tantos artesãos que estão morrendo e levando para o túmulo tudo aquilo que ele sabia fazer no artesanato de barro, cerâmica, tecelagem, madeira, couro. E poderia fazer isso aqui, tem tantos cômodos, e poderia ser um centro de ofícios. Mas falta projeto, alguém precisaria fazer um projeto, alguém tem que assumir esse posto.

*Alessandro, como você vê Berilo, já que é considerado o maior município quilombola de Minas Gerais, o principal nesse sentido? Como você vê hoje essa questão cultural, o resgate disso? Vocês estão conseguindo fazer esse resgate? E se não estão conseguindo, o que está faltando?*

Às vezes a gente faz uma pesquisa, porém, somos nós que estamos fazendo, são pessoas simples, do povo, que está fazendo. Mas eu acho que precisa de pesquisas mais aprofundadas feitas por historiadores, pessoas que terão credibilidade diante da sociedade. Porque quando a gente resgatou de volta as rodas de tambores aqui, por exemplo, a gente só não foi crucificado porque a cruz já foi extinta, porque, senão, a gente teria sido crucificado. Eu até já dividi Berilo entre casa grande e senzala. Porque, de um lado, você tem uma população que aceita, que lembra como era antes e aceita o retorno, mas tem o lado das pessoas que preferem a modernidade.

A parte devocional de Berilo é um problema sério. Muita gente troca a devoção a Nossa Senhora da Conceição, a Nossa Senhora do Rosário, pela devoção a Nossa Senhora dos Pobres, que, na verdade, é Nossa Senhora de Banneux, vinda da Bélgica. Tem turma aqui, não é todo mundo não, mas que prefere aceitar uma coisa, não vou nem chamar de moderna, mas que não pertence a nosso povo.

Você olha em todos os lugares aqui, vê uma casa e acha que ela é nova. Mas quando você entra na casa é que se percebe que ela tem os traços antigos, mas eles preferem mudar a fachada porque acham feio fachada antiga. Acho que deveria fazer esse resgate cultural, conscientizar da importância. Como na escola: por que eu vou ensinar uma

dança moderna para um menino? Porque ele prefere a dança moderna. Mas, a partir do momento que eu conscientizar aquele jovem que aquela era a dança dos pais dele, e que fez parte da história, e que se ele perder aquilo, ele perde também a identidade dele... Imagina alguém sem identidade, ele não é ninguém. Uma pessoa sem história não é ninguém.

Nós temos tantas pessoas que saem para a universidade e vão lá estudar engenharia, fazer doutorado e não sabem nada daqui, não conhece uma manifestação cultural daqui. Aí quando chega lá fica vendido, o pessoal imagina o Vale do Jequitinhonha como o vale das riquezas culturais. Mas a maioria dos jovens que sai do Vale do Jequitinhonha e vai para Belo Horizonte, ou São Paulo, passa vergonha quando os outros perguntam sobre a cultura do Vale, porque eles não conhecem. E é aí que vem o danado do preconceito com as comunidades quilombolas, porque você só tem preconceito daquilo que você não conhece. A partir do momento que se conhece é quando passa ter o respeito por aquilo e entender.

A referência do tambor, aqui em Berilo, é o terreiro de umbanda, é o terreiro da macumba. Então, quando nós fizemos a primeira roda de tambor em Berilo foi um Deus nos acuda. Porque eles pensaram que a gente estava fazendo um ritual religioso, não imaginavam que era um ritual cultural. Quando as senhoras se vestem de branco na festa da Nossa Senhora do Rosário, a gente vê tanto gracejo, a gente vê pessoas rindo, cochichando um com o outro. E são pessoas que viram a festa antiga, que viram essas negras, pretas velhas, do Mocó, vindo trazer pote de barro na cabeça para vender aqui, mas são pessoas que desde aquele tempo não aceitam o negro no meio da sociedade. São pessoas preconceituosas, racistas que temos aqui no município de Berilo. E não só em Berilo, em vários lugares, que não aceitam o negro mesmo. Respeita, porque existe lei que obriga a respeitar. Mas tem pessoas que, se pudessem tirar a gente do meio social, tiraria. Isso é visível aqui, a gente vê. Como se dissessem: “você não é capaz, isso que você está fazendo não importa para a gente”. Isso aí a gente ouve direto.

*Quando você fala “essa gente” são pessoas brancas, ou uma parte dos próprios negros?*

Não, os negros não. O importante dos negros de Berilo é que eles sabem da história deles. Ninguém melhor para contar sua história que você mesmo. Mas ainda existe essa

questão do branco em Berilo. Nós temos, por exemplo, questão de famílias em Berilo que se acham donas do município, donas da cidade, que eu costumo chamar de os generais do século XXI. Eu até sugeri que voltasse o nome de Água Suja de novo, Arraial de Água Suja, porque existem generais ainda em Berilo, pessoas que não aceitam. Não é questão mais do negro, só porque você tem uma pele negra, essa questão de “fulano é negro e não vou aceitar ele aqui”. Isso não existe mais. Agora, o que existe é a questão de não aceitar a forma de vida daquele negro.

Um exemplo: outro dia vi uma cena bastante engraçada, tinha uma moça bem branquinha e um rapaz bem negrinho namorando na praça. Eu estava passando e uma senhora falou assim: “você está vendo, depois fala que o povo tem preconceito de negro, olha ali, uma menina branquinha namorando um rapaz negro”. E eu disse: “ótimo, está certo, mas vamos olhar o menino agora, para ver como ele está. O menino está com um boné de hoje, uma blusa e uma calça da moda, está com um tênis bacana. Agora, eu queria ver essa menina branca chegar perto dele se ele estivesse usando aquelas roupas de antigamente, turbante igual ele veio da África, para a gente ver”.

Então, a questão não é mais da pele não, a questão hoje em dia é a questão da cultura do negro, que é outra luta que está começando a ser travada. Antes, porque ele era negro, agora a luta que começa a ser travada é que o preconceito hoje é cultural, não é mais racial. Não temos preconceito racial mais não. “Ah, fulano recebeu preconceito porque é negro”, isso não existe mais. Agora ele sofre preconceito pela cultura que ele coloca, que ele mostra. Tanto é que a gente impõe ao negro quilombola a maneira dele vir para a cidade. Se ele não vier com a roupa da moda, ele vai ser zombado. Se ele vier com roupa de chita, turbante, vão falar “está loco, endoidou”. Nós temos evento de indígenas, numa outra cidade aqui, que vão para a cidade e passam despercebidos, porque eles não vão mais com os adornos de pena, não vão mais com roupas deles, eles vão como as pessoas da chamada “civilização” de hoje em dia.

*E os mais antigos, as pessoas mais antigas das comunidades, vocês estão preocupados em ouvir essas histórias, guardar essas histórias, para que as crianças conheçam, para que os próximos conheçam, ou isso está se perdendo?*

Eu estou preocupado com isso, porque me preocupo com a minha história. Porque a partir do momento que, por exemplo, as comunidades do Brejo e Cruzeiro deixarem de

existir aquela parte cultural, para mim, eu perdi até a minha identidade, que está lá. Eu estou preocupado, mas a maioria não está. Precisamos inventariar, registrar, catalogar, e precisa fazer isso urgente, porque nós temos pessoas que estão morrendo e levando para o túmulo tudo que conhecia. Muitas pessoas falam das manifestações culturais de um tempo atrás como se fosse há mil anos. Eu tenho 25 anos e lembro das manifestações culturais, as principais delas. Eu tenho 25 anos e lembro dos tamborzeiros no Cruzeiro. Eu lembro da Folia de Santo Reis, que chamava Deus Menino. Eu cantava nessa folia, fazia requinta de criança. Lembro das danças do Nove, do Vilão.

O que está faltando hoje é o jovem se aproximar dos mais idosos. O jovem não se aproxima mais. Nós temos instituições, como escolas, que não levam os jovens. Para que a gente saiba que os Estados Unidos são a maior potência do mundo, isso deve ser aula de história ou geografia. Por que uma dessas aulas, que duram 50 minutos, por que uma dessas aulas no mês não pode ser sobre a cultura da comunidade daquela própria região?

Se vocês perguntarem a um menino qual a dança típica que vocês têm aqui, ele não vai saber. Se você falar “é a dança do Nove”, eles vão achar que é o número nove: não vão saber que é uma dança que os avós deles dançavam. Falta isso, nós temos professores hoje que são só professores, eles não são mais parte da família. Porque eu tive professores que eram como se fosse minha mãe, até puxão de orelha eu levava. Mas eles me ensinaram que tinha que valorizar aquelas pessoas da região, para valorizar a própria história. Aí nós formamos hoje profissionais que vão para as ruas, quebram vidros, tentam reivindicar o “mundo e o fundo”, e estão reivindicando o quê, isso “aqui” (faz sinal de dinheiro com os dedos), e não estão olhando o conteúdo que eles são obrigados a passar para aquelas crianças. Eu sou muito a favor dos professores, para mim são os mestres, mas hoje o professor ele é profissional, ele não é mais parte de nossa família não, infelizmente ele não é.

Nós temos uma árvore aqui que tem cem anos. Se o professor não falar com aquele menino que ela tem cem anos, que ela é importante para o município, quando nós, que sabemos que é importante, morrermos, aquele menino quando for grande vai lá e corta ela, e faz uma praça bonita lá, e aí acabou a história. E nós não podemos falar mais com o jovem, porque isso se torna uma obrigação da família, mas é uma obrigação da escola.



A escola tem que ensinar mesmo, mas ela não pode ensinar só que o mundo é dividido em norte, sul, leste, oeste, não; ela tem que ensinar a história do município.

Eu mesmo sugeri que nós deveríamos ter aula de cultura na escola, ter aula de história, geografia, português, mas uma delas tinha que ser aula de cultura da região, do local. Porque nós conhecemos hoje que a China come aqueles bichos, peixe vivo, mas nós não sabemos que os negros quilombolas comem angu de caroço. Por que tem aula de inglês nas escolas, e porque não pode ter aula do modo de falar do nosso povo aqui? Aí, quando um mais velho vai conversar com um jovem, ele diz: “você está falando errado, moço, fala direito, não fica fazendo a gente passar vergonha não, fala direito”. Mas quando alguém está falando do modo de falar daqui, não está falando errado, não. É daquele jeito mesmo, é a maneira dele ser. É identidade, não é falta de estudo não. A palavra está bonita ali, e aqui (gesto que aponta para a cabeça) não tem nada. Tem gente que a palavra está totalmente ao contrário e aqui (repete o mesmo gesto) tem tanta coisa, né? É uma pena, infelizmente estamos vivendo isso na educação brasileira.

*Qual a importância histórica da Igreja de Nossa Senhora da Conceição para Berilo?*

Essa é a igreja de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município de Berilo, a primeira igreja construída na região, em 1729. É uma das construções mais antigas em todo o Vale do Jequitinhonha. A importância dela é comprovada na medida em que ela foi reconhecida como patrimônio pelo IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tombada em 1974. Porém, hoje ela está praticamente abandonada.

Ela não tem nenhum funcionário para limpeza e manutenção. Foram retirados os altares e também as imagens sacras, o acervo e até hoje não tem nenhum plano de restauro. Tudo está guardado em lugares inapropriados, sendo praticamente devorados por cupins. Com a retirada dos altares, tiraram também todo o acervo de imagens, que são mais de 80 peças, entre elas, esplendores, coroa, sacrário e crucifixos, afinal, não tinha condições de ficar aqui, a igreja é insegura. Com essas portas, qualquer empurrão, qualquer pessoa entra na igreja. Mas retiraram e colocaram num lugar inapropriado.

*Esse processo de retirada dos altares, das peças sacras, como e quando começou? Quando começou essa destruição da igreja?*

Em 1987, se não me engano, foi um período de muita chuva aqui, e uma das paredes cedeu e ficou tudo exposto. Aí começaram a retirar com a desculpa de restaurar a igreja. Retiraram tudo, levantaram a parede e não voltaram os altares para cá.

*E como é a presença do IPHAN aqui?*

Ah, muito ruim. Acho que tem mais de dez anos que o IPHAN não faz uma vistoria. Orientação acho que só em 1974 com o tombamento da igreja. Eles fizeram um trabalho nessa igreja e na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que, por mais que ela tenha sido tombada, reconhecida como um bem do município, isso não impediu que ela fosse saqueada, com várias peças vendidas. Depois de um tempo ela foi totalmente demolida. Só tem o espaço no chão, e um paredão de pedra onde suportava a igreja.

A gente teme que com essa igreja aconteça como na outra, que seria demolida como foi a outra, porque ela não pode ser um perigo para a população também. Chegou uma época em que, acho que com o penúltimo padre daqui, teve que fechar a igreja porque ela oferecia risco para as pessoas na hora da missa.

*Você sabe como está a parte elétrica daqui?*

Muito ruim. De noite não tem como ter celebração aqui porque as luzes ficam apagando e acendendo, parece milagre (risos).

*E o teto?*

Muito ruim também. Quando chove, fora essa parte central que tem o forro, o resto, sacristia e nas laterais, é a mesma coisa que estar no terreno na hora da chuva, molha tudo. O telhado está todo estragado.

*A igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos, que caiu, é de quando?*

Ela era da primeira metade do século XVIII.

*Em termos de peças desta igreja, quais são as mais valiosas?*

Temos a Nossa Senhora da Conceição, que foi repintada. Temos a imagem de Senhora de Santana, que o pessoal fala que é a Santa Mestra, Santana. Tem São Miguel Arcanjo, São Pedro, a Sagrada Família, a Nossa Senhora da Paz, que é uma das mais bonitas. Tem as imagens de roca<sup>3</sup> de Nossa Senhora da Piedade. Tem o Senhor dos Paços, o Senhor Morto, e outras imagens. Tem, inclusive, imagens que pertenciam a Nossa Senhora do Rosário, que depois da queda da igreja passaram para o acervo desta, como a imagem de São Benedito Mouro, de Santa Ifigênia e a imagem de Nossa Senhora do Rosário que foram passadas para este acervo, após a queda da igreja de Nossa Senhora do Rosário.

*Qual a importância histórica desta igreja para a comunidade de Berilo?*

Para mim ela conta a história do município. Aqui em pé não é só a construção, olha só quanta coisa já passou debaixo desta igreja.

*E por falta de condições, tem alguma celebração que aqui acontecia e não acontece mais?*

Aqui tinha a Festa do Divino, que era anterior à Festa de Nossa Senhora do Rosário. Eu não sei por qual motivo ela deixou de existir, até porque eles criaram uma outra festa na mesma data do Divino, que era na primeira semana de junho. No mês de maio eles fazem uma grande festa, uma festa de origem belga, de Nossa Senhora de Banneux. É uma festa que um padre belga trouxe para cá, e nisso deixou de fazer a festa do Divino Espírito Santo aqui.

Eles contam que era uma festa muito bonita, que tinha as folias dos caboclinhos, a corte real. Inclusive nós temos ainda a coroa do Divino que faz parte do acervo desta igreja também. Essa é uma das festas que deixou de ser feita aqui. Outra é a festa de São Sebastião. Também porque a igreja, depois que eles fecharam, caiu no esquecimento, ninguém queria fazer nada aqui.

---

<sup>3</sup> Imagens de roca são imagens sacras levadas em procissão e vestidas com trajes de tecido. Importantes nos cultos católicos principalmente no período barroco. São também conhecidas como imagem de procissão, imagem de vestir ou imagem de bastidor. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1tua\\_de\\_roca](https://pt.wikipedia.org/wiki/Est%C3%A1tua_de_roca)

*E quando foi isso?*

A festa de São Sebastião acho que foi em 1990. A festa do Divino tem 67 anos que ela deixou de existir. Depois foi feito um grupo de trabalho para fazer pesquisas dessas festas que existiam e eu fiz parte do grupo. Foi então que ficamos sabendo dessa festa do Divino. Fizeram pesquisa também da festa do Rosário, que já tinha 18 anos que estava desativada, mas foi a única festa da pesquisa que voltou, e isso mesmo sem igreja, sem irmandade.

*Dessas pesquisas que você fez com esse grupo, vocês levantaram sobre a frequência desta igreja, no século XVIII, XIX, se eram só brancos? Ou a partir de que momento os quilombolas passaram a frequentar?*

Tudo leva a crer o seguinte: pelo fato de ter tido uma outra igreja dedicada aos homens pretos, ficamos sabendo que aqui só enterravam os homens brancos. Os negros eram enterrados no Rosário. Acredito que aqui era um espaço reservado à nata da sociedade na época, porque os pretos estavam voltados lá para o Rosário.

*Qual é o seu papel aqui, você trabalha para o Casarão também?*

Eu sou faxineiro do sobrado Domingos de Abreu Vieira, o Casarão. Esse é outro bem tombado, porém pelo IEPHA, órgão estadual que tem um cuidado maior com os bens sob responsabilidade deles. Agora, aqui na matriz, eu tiro um tempo aos sábados para fazer uma limpeza, mas não é considerado nem faxina, e é um trabalho voluntário.

*Quando vocês dizem que pesquisam sobre o passado dessa igreja, a partir de que dados vocês conseguem levantar essas informações?*

A sorte é que a gente ainda encontra alguns livros que pertencem ao acervo da paróquia. Nós temos alguns livros de 1700, que tem aqueles registros de batismo e que o pessoal chama de batistel<sup>4</sup>. Ele indica que fulano de tal foi batizado na igreja de Nossa Senhora da Conceição. Inclusive tem uma curiosidade: dizem que o primeiro nome de Berilo era Arraial de Água Suja; e não era. Era Arraial de Nossa Senhora da Conceição da Água Suja das Minas Novas, e do Araçuaí, depois. Então, Arraial da Nossa Senhora da

---

<sup>4</sup> Certidão de batismo, batistério. Fonte: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#1>

Conceição da Água Suja das Minas Novas do Araçuaí. A gente encontra muito isso lá nos livros.

Inclusive, o único livro que sobrou da irmandade da Nossa Senhora do Rosário afirma que a irmandade foi criada em 1821, e se chamava Venerável Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Água Suja da Minas Novas do Araçuaí. A única coisa que sobrou da irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi isso. Aqui na igreja de Nossa Senhora da Conceição nós pesquisamos através dos livros que ainda tem na paróquia. Por exemplo, um inventário das imagens. Se vocês vissem o livro de inventario hoje, e comparar as imagens que tem, não significa nem a terça parte das imagens que tinham do acervo original, dos castiçais. Berilo foi muito roubada, teve uma perda histórica muito grande.

*E tudo isso ia para onde?*

A gente nem imagina. Passaram muitos padres aqui, muitas ordens religiosas, e o povo daqui não sabia o valor que tinha um castiçal de prata, achando que era só um valor religioso. Mas não só os padres, os viajantes que também passavam por aqui sabiam que aquilo tinha um valor, além do religioso. Como a pia batismal. Aqui nós temos uma pia batismal, mas a pia batismal da igreja do Rosário dizem que foi vendida para um colecionador de São Paulo. Tivemos uma perda histórica muito grande aqui.

*O acervo que vocês têm hoje aqui é tombado?*

Ele é tombado junto com o tombamento da igreja. Conversando com um promotor do ministério público para patrimônio cultural, ele falou que quando uma igreja é tombada, todo acervo sacro é tombado junto. É inventariado e tombado. Então, acreditamos que todas as imagens tenham sido tombadas também.

*E hoje em dia, a igreja funciona quando?*

No domingo pela manhã.

*Em nenhuma outra situação?*

Em nenhuma outra situação. No mais, a única festa que mobiliza essa igreja aqui é a festa da padroeira, que também estamos resgatando, dia 8 de dezembro. Uma festa

muito bonita, simples, mas bonita, uma festa que volta no tempo. Foi através de pesquisa, de resgate cultural. Berilo está passando por uma fase de resgate cultural, estamos tentando resgatar tudo o que estamos vendo pela frente.

*E como é essa festa da padroeira, como ela acontece?*

A festa da padroeira inicia com meio dia de festa, tem os repiques de sinos e queima de fogos. Aí tem a ladainha de tarde, o ofício da Conceição, que fazemos durante nove dias, os terços, as orações. E no mastro tem a procissão da bandeira que sai da casa do mordomo e, quando chega aqui, tem a celebração da Santa Missa para depois fazer o hasteamento da bandeira. No outro dia tem a alvorada festiva, às 5 horas da manhã. Quando são 9 horas, tem a procissão com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Depois, a celebração da missa e a coroação da padroeira.

Tem uma música popular que pertence a Imaculada Conceição, nossa padroeira. É uma música que o povo da roça gosta muito de cantar. Ela é um bendito, mais ou menos assim:

“Levantei de madrugada / levantei de madrugada / para varrer a procissão / para varrer a procissão / Encontrei Nossa Senhora / encontrei Nossa Senhora / senhora da Conceição / senhora da Conceição / Eu pedi a ela um raminho / eu pedi a ela um raminho / ela me disse que não / ela me disse que não / Eu tornei a lhe pedir / eu tornei a lhe pedir / ela me deu seu cordão / ela me deu seu cordão / O cordão era tão grande / o cordão era tão grande / que do céu varria o chão / que do céu varria o chão / Inda dava sete voltas / inda dava sete voltas / em redor do coração / em redor do coração / Numa ponta tem São Pedro / numa ponta tem São Pedro / na outra senhor São João / na outra senhor São João / E no meio tinha o letreiro / e no meio tinha o letreiro / da virgem da Conceição / da virgem da Conceição / Minha mãe Nossa Senhora / minha mãe Nossa Senhora / é madrinha de João / é madrinha de João / Eu também sou afilhado / eu também sou afilhado / da virgem da Conceição / da virgem da Conceição”.

Essa “virgem da Conceição sou afilhado”, porque aqui tinha uma mania de arrumar só o padrinho, não arrumava a madrinha não, porque a madrinha era a virgem da Conceição. Quando a pessoa vinha para o batismo, já vinha com a ideia de que a Nossa Senhora da

Conceição era a madrinha. Então esses benditos da Nossa Senhora da Conceição sempre terminam assim, que é popular aqui.